

ANÁLISE DA DIVERSIDADE DENTRO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL DEPUTADO CARLOS PEIXOTO FILHO EM UBÁ-MINAS GERAIS

RIBEIRO, Leidiany¹ ; COELHO, Tatiana Costa^{2*}

¹ *Discente Graduação PEDAGOGIA*

² *Docente Graduação PEDAGOGIA*



tatiana.coelho@unifagoc.edu.br

RESUMO

O presente estudo tem por identificar as diversidades presentes no ambiente da escola pública, verificar como a escola tem trabalhado as diferenças existentes através da Escola Estadual Deputado Carlos Peixoto Filho, em Ubá-Minas Gerais, especificamente com os alunos do ensino médio do período da manhã. O intuito é identificar as diversidades presentes no ambiente da escola pública e verificar como a escola tem trabalhado as diferenças existentes. A pesquisa tem o caráter quantitativo e foi realizada por meio de coleta de dados numérico, realizado com os discentes, que apontarão as diferenças, comportamentos e outras ações dos indivíduos em relação à diversidade presente nas escolas públicas. Concluiu-se que há diversidade no âmbito escolar analisado, a qual pode ser responsável pelo declínio do rendimento escolar dos jovens do ensino médio, uma vez que essas diferenças revelam um discurso promotor da desigualdade e discriminação.

Palavras-chave: Diversidade. Diferença. Discriminação. Preconceito. Rendimento Escolar.

INTRODUÇÃO

Apesar de vivermos numa sociedade plural pautada na diversidade, deparamo-nos constantemente, em nosso cotidiano com a intolerância ao que é diferente.

Podemos definir diversidade como tudo que nos diferencia do outro, seja na forma de se vestir, se comportar, condição financeira, preferência religiosa, orientação sexual, entre outros aspectos.

A diversidade não se faz presente somente de forma cultural, mas também no aspecto financeiro. Encontram-se em nosso país pessoas extremamente ricas, como Jorge Paulo Lemann, nascido no Rio de Janeiro em 26 de agosto de 1939, economista e empresário suíço-brasileiro, com uma fortuna de aproximadamente US\$ 17,8 bilhões, e outras pessoas muito pobres, como na região norte do Brasil (Pará, Roraima, Rondônia). Temos também a chamada desigualdade racial, em que predominam a cor da pele e características físicas ou origem cultural das pessoas.

Sabemos também que em nosso país há diversas religiões e que a predominante é a católica. Entretanto, dados recentes do IBGE 2010 revelam que a religião evangélica tem crescido significativamente e a católica está diminuindo. A tendência é que, no máximo 30 anos, as duas religiões estejam empatadas. Sem contar que temos religiões espíritas, candomblé, e pessoas que não optam por nenhum tipo de religião.

Podemos destacar também a diversidade de gênero no que se refere a sexo, orientações sexuais e identidade de gêneros. O Brasil tem uma diversidade ampla que vai muito além de homem ou mulher, o que provoca grande desigualdade e preconceitos, que se manifestam de forma agressiva diante de indivíduos que têm orientação sexual diferente do dito “comum”.

Diante do exposto, as escolas se tornam um ambiente em que as grandes diferenças se encontram. Reconhecendo isso, os docentes encontram grandes desafios em implantar uma política pública no ambiente escolar, onde cada grupo social com suas diferenças e histórias sejam respeitados, garantindo assim seus direitos sociais e o bom rendimento escolar dos seus discentes.

Refletir sobre o elo da diversidade na escola é como reconhecer as diferenças, aceitá-las e dialogar com elas no cenário educativo. A escola possui grandes vantagens de ser um local onde encontramos grande diversidade. Diante do exposto, surge a seguinte questão: qual o papel da escola como agregadora dessa diversidade? Existem formas de promover a inclusão dessa diversidade no espaço escolar?

Desse modo, o objetivo desta pesquisa é identificar as diversidades presentes no ambiente da escola pública, verificar como a escola tem trabalhado as diferenças existentes.

REFERENCIAL TEÓRICO

O que é diversidade: principais definições

De acordo com Helman (2003, p. 12), entende-se por cultura um conjunto de concepções explícitas e implícitas que acompanham as pessoas de acordo com sua sociedade, concepções essas que mostram como os indivíduos veem o mundo, como vivem e se comportam em relação aos outros seres. Dessa maneira, é nossa função adaptarmos ao meio a que estamos integrados para que haja uma sociedade pacífica e harmoniosa.

A diversidade pode ser considerada a maior riqueza de nosso país, em que cada região possui sua característica, cultura e etnias.

O respeito à diversidade se aprende em primeiro lugar na família. Pais ou responsáveis pela criança devem ensinar a seu/sua filho/a como se portar diante da diferença dos indivíduos.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo 2º, aprovado em 10 de dezembro de 1948, “não deve haver, em nenhum momento, discriminação por raça, cor, gênero, idioma, nacionalidade, opinião ou qualquer outro motivo” (BRASIL, 1998).

Portanto, os direitos humanos prezam por uma vida digna a todas as pessoas, com intuito de garantir a todos cidadãos a proteção contra qualquer tipo de discriminação,

garantindo direitos humanos básicos, como direito à vida, à liberdade de expressão e de opinião, à educação, à saúde e ao trabalho.

Como os personagens mais envolvidos na criação de uma criança são seus pais, é importante que eles saibam agir na formação dela. Quando a criança ingressa no âmbito escolar, os professores auxiliam nessa formação, educando-a para a diversidade.

Em 1997, com a publicação do documento Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o Ministério da Educação e Cultura (MEC) tornou pública sua preocupação com a realidade escolar e as diferenças culturais nela presentes. Nesse documento, o MEC admite que o Brasil apresente uma composição populacional cuja heterogeneidade é tão significativa que faz com que o país desconheça a si mesmo e, por isso, acabam por prevalecer no ambiente escolar “estereótipos, tanto regionais, quanto em relação a grupo étnicos, sociais e culturais” (BRASIL, 1997).

Com relação à socialização desse aluno, os professores envolvidos vão guiando e mostrando os caminhos para humanização, em que os alunos se socializam com pessoas diferentes. O docente deve minimizar qualquer tipo de discriminação e preconceito, e, para que isso aconteça, pais e escolas devem caminhar juntos em busca de grandes realizações.

Segundo Carvalho (2002, p. 70), “pensar em respostas educativas da escola é pensar em sua responsabilidade para garantir o processo de aprendizagem para todos os alunos, respeitando-os em suas múltiplas diferenças”.

Sendo assim, o professor, como mediador do processo de aprendizagem do aluno, deve saber agir adequadamente a cada situação que acontecer, instruindo a forma em que os alunos vão trabalhar com a diversidade existente naquele meio, sempre procurando zelar pelo respeito entre os alunos e mostrando como é importante a valorização das diferenças.

As diversidades existentes

De acordo com Francisco (2019), o Brasil é um país extremamente diversificado, devido a sua formação histórica de diferentes fontes migratórias, como africanos, europeus, portugueses, entre outros imigrantes distintos. Com isso, percebemos que eles foram um dos principais responsáveis pela difusão cultural pelo Brasil, contribuindo assim com a diversidade brasileira.

Os hábitos dos indivíduos de cada região propagaram a diversidade pelo Brasil, a qual se faz presente na forma cultural dos indivíduos, com a presença de diferenças relacionadas à cultura e à sua localidade, por exemplo, a linguagem, as tradições, a culinária, a religião, os costumes, o modelo de organização familiar e política. Esse tipo de diversidade foi desenvolvido para diferenciar pessoas de grupos territoriais (CAVALLEIRO, 2000).

A chamada diversidade racial está interligada às características físicas das pessoas, cor da pele, olhos e cabelos, e causa certa hierarquização, criando desigualdade entre

os alunos. Infelizmente, a raça negra sofre maior preconceito e maior discriminação e o ambiente escolar é onde o preconceito mais acontece (CAVALLEIRO, 2000),

No espaço escolar há toda uma linguagem não verbal expressa por meio de comportamentos sociais e disposições, formas de tratamentos, atitudes, gestos, tons de voz e outras, que transmitem valores marcadamente preconceituosos e discriminatórios (CAVALLEIRO, 2000, p. 98).

No ambiente escolar nos deparamos com situações notáveis de preconceitos e discriminações, e constantemente os alunos sofrem com o bullying decorrente de sua característica. Podemos destacar as condições financeiras como outro tipo de diversidade presente em nossa sociedade, uma vez que os cidadãos possuem condições financeiras distintas, uns muito ricos e outros tão pobres.

Temos também a chamada diversidade religiosa, caracterizada por pessoas de religiões diferentes, com hábitos e costumes diferenciados. E, por fim, citamos a diversidade de gênero, um termo usado para referir-se de maneira inclusiva a toda diversidade de sexo, orientação sexual e identidades.

Diante do exposto, percebemos que a escola é um ambiente onde se encontra a maior concentração de diversidades, o que acarreta a presença de preconceitos e discriminações que os alunos sofrem. De acordo com Gomes (1998, p. 116), "entre preconceitos e discriminações, cabe à escola pública o importante papel de proporcionar a seus alunos um modelo de tolerância a ser aplicado na sociedade".

A educação é uma forma de humanizar os indivíduos. Ribeiro (2004, p. 7) acrescenta que "[...] a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo".

Diante dessas diferentes formas de diversidades existentes, devemos desconstruir os preconceitos desenvolvidos na sociedade atual, enfatizando a inclusão de todas as pessoas, de todas as diferenças, e a instituição deve sensibilizar todos os envolvidos na educação.

Diversidade no espaço escolar

O profissional da área da educação deve estar preparado para trabalhar com a diversidade existente no espaço escolar, fazendo prevalecer a humanização na sala de aula. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) preconiza o respeito à diversidade, colaborando para uma sociedade justa, democrática e inclusiva. O documento preza "o respeito, a abertura à pluralidade, a valorização da diversidade de indivíduos e grupos sociais, identidades, contra preconceito de origem, etnia, gênero, convicção religiosa ou de qualquer natureza e a promoção dos direitos humanos" (BRASIL, 2017).

Em algumas de suas competências gerais, a BNCC diz:

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar

para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BNCC, p. 9).

Desse modo, percebemos que a BNCC acredita no respeito entre as pessoas, em seus conhecimentos concebidos ao longo do tempo, e traz grandes benefícios para aprendizagem de todos os envolvidos. Esses conhecimentos possibilitam fazer uma relação entre o conteúdo a ser aprendido e as vivências da vida, portanto cabe aos docentes proporcionar uma ponte fazendo a junção entre o conhecimento construído historicamente pelo aluno e a matriz curricular.

Diversidades na escola pública

As escolas recebem diariamente vários alunos com pensamentos, culturas, costumes, valores diferentes, cada um com um modo de vida diversificado, que precisam ser ouvidos e respeitados como são. Cada aluno traz consigo uma essência, uma experiência que pode acrescentar de forma significativa em uma sala de aula.

A LDB 9397/96 (1996) reconhece a diversidade étnico-racial e o pluralismo de ideias de concepção pedagógica.

Na rede pública de ensino, há grande número de alunos com situação financeira desfavorável, famílias que possuem uma condição de vida precária que passam grandes dificuldades para manter sua casa e alunos com grandes dificuldades de aprendizagem. O desafio da escola perante esses tipos de alunos é ajudar a desenvolver significativamente em seu aprendizado, fazer o possível para mantê-los na escola, oferecendo oportunidade para seu crescimento educacional.

A diversidade presente na escola pública traz grandes desafios aos professores, gestores escolares e até mesmo aos alunos, para tentar promover a humanização dentro de um meio tão heterogêneo, com tantas diferenças.

As diversidades presentes na sociedade são construídas de duas maneiras, de acordo com Gomes (2003, p.71-72):

1- As diferenças são construídas culturalmente tornando-se empiricamente observáveis.

2- As diferenças são construídas ao longo do processo histórico, nas relações sociais e nas relações de poder. Muitas vezes, os grupos humanos tornam o outro diferente para fazê-lo inimigo, para dominá-lo.

É nítido que a sociedade é marcada por diversos grupos sociais, assim a diversidade acontece de forma cultural de acordo com a região, costumes, sendo construída ao logo

da história do indivíduo de acordo com sua sociedade e com as experiências vivenciadas. E na escola não é diferente: há formações de grupos distintos que priorizam um tipo de opinião, de modo de ser, agir e costumes parecidos. É preciso tomar cuidado com essa situação para que não se desenvolva o preconceito perante o outro na sala de aula e no ambiente escolar.

Temos como um fator que nos auxilia em uma escola a Constituição de 1988, que, em seu artigo 205, destacou que a educação é um direito de todos. A LDB, Lei nº 9.394/96, no segundo título, afirma que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- 1- Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- 2- Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- 3- Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- 4- Respeito à liberdade e apreço à tolerância. (BRASIL, 1996).

O aluno, de acordo com a Constituição-1988 e a LDB-96, tem direito a escola, a expressar seus conhecimentos adquiridos culturalmente, suas ideias e saberes. A intenção dessas leis é minimizar o preconceito no âmbito escolar.

Uma das questões que a escola deve trabalhar é a diversidade na sala de aula, para que cada aluno tenha conhecimento da cultura do seu amigo de sala. As experiências relatadas devem proporcionar debates nas salas de aula, voltados para eliminar todo e qualquer tipo de descrição existente. Assim, a escola estará permitindo a construção de valores em cada criança.

O professor deve estar disposto a modificar suas práticas pedagógicas, ajudando os alunos a entenderem as diversidades de cada indivíduo envolvido.

Segundo Gomes (2003, p. 73):

A luta pelo direito às diferenças sempre esteve presente na história da humanidade e sempre esteve relacionada com luta dos grupos e movimentos e continuam colocando em xeque um determinado tipo de poder, a imposição de um determinado padrão de homem de política, de religião, de arte, de cultura.

A diferença ou diversidade sempre esteve presente na sociedade, em que os padrões ideais de indivíduos são extremamente cobrados, a ponto de pessoas saírem prejudicadas pelo preconceito, pela imposição de poder e pelos padrões impostos.

Educação tradicional e homogeneização do ensino

A escola tradicional teve seu surgimento em meados do século XIX, com o sistema nacional de ensino, em que a sociedade burguesa preconizava a educação como um direito de todos e dever do estado.

De acordo com Ebenezer e Takuno (2001, p. 54), a pedagogia tradicional se baseia na seguinte proposta: "educação centrada no professor, cuja função é vigiar, aconselhar, corrigir e ensinar a matéria através de aulas expositivas, ficando a cargo dos alunos prestar atenção e realizar exercícios repetitivos para gravar e reproduzir a matéria dada".

Podemos dizer que em um ensino tradicional não existem atividades práticas que permitam aos alunos construir e criar situações de aprendizagem diferenciadas; as aulas são expositivas, com numerosas teorias e exercícios sistematizados para a memorização.

A metodologia que rege esse ensino são aulas em que se exige a memorização de fórmulas e conceitos. O professor prepara o aluno, apresenta o conteúdo e aplica os exercícios. A relação entre aluno e professor é definida pelo autoritarismo, em que o papel do aluno é receber o conhecimento que o professor lhe passa, pois o professor é o dono do conhecimento. Assim, a disciplina imposta na sala é de total autoridade do professor.

As instituições ainda possuem uma concepção pedagógica pautada em vertentes pedagógicas que seguem um processo de aprendizagem homogeneizado. Desde antigamente, a escola ajudou na homogeneização do ensino com o objetivo de fazer com que todos os indivíduos ajam e pensem iguais, pois assim fica mais fácil liderá-los.

Carvalho (1998, p. 44) diz que "[...] a escola precisa abandonar um modelo no qual se esperam alunos homogêneos, tratando como iguais os diferentes, e incorporar uma concepção que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto no das relações interpessoais".

Um aspecto importante a ser considerado é que a educação tradicional e a homogeneização não contribuem para o desenvolvimento da diversidade no âmbito escolar, pois esse tipo de concepção prioriza a igualdade dos sujeitos.

A escola é um ambiente formado por diversos grupos, com crenças e costumes plurais.

[...] a cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas. (MORIN, 2001, p. 56).

De acordo com a diversidade, compete ao professor ter objetivos traçados do conteúdo e modo que pretende trabalhar com seus alunos. O trabalho deve envolver grupos diversificados e o professor deve usar da diversidade presente na sala para criar grupos que exaltem a diferença de cada um e que não façam uso de grupos homogeneizados onde as dificuldades dos alunos são as mesmas, mas em que a diversidade presente em cada grupo seja instrumento de experiência e crescimento para cada aluno.

Para Vygotsky, "as crianças são o resultado de suas experiências e da troca com o outro". Nesse sentido, o PCN (1997, p. 15), em seu documento sobre pluralidade cultural, destaca que "saber discutir pluralidade a partir das diferenças dos próprios alunos é um modo de conduzir o tema de forma mais próxima da realidade brasileira".

É nessa consciência que os professores devem fomentar a construção de um currículo que vise atender a todas as diversidades encontradas na instituição. Na busca por uma mudança na área educacional, a escola tem como desafio incrementar um projeto político pedagógico que estipule uma rotina pedagógica, para que assim se mobilize a escola e os seus alunos decorrentes da diversidade.

De acordo com Carvalho (2000, p. 120), uma escola inclusiva é aquela que "inclui a todos, que reconhece a diversidade e não tem preconceito contra as diferenças, que atende às necessidades de cada um e que promove a aprendizagem". É nesse tipo de escola que os docentes devem investir uma escola que valorize a diversidade e inclua todos os discentes, sem preconceito, críticas ou desavenças.

Educar para diversidade

Educar para a diversidade seria uma maneira de detectar as desigualdades presentes na sociedade, e reconhecê-la no âmbito escolar com suas complexidades é o primeiro passo. Ainda temos uma sociedade totalmente preconceituosa e discriminatória, e cabe aos docentes respeitar as diversidades de cada grupo.

Parece-nos que este é o nosso grande desafio enquanto defensores de uma perspectiva intercultural. Abraçá-lo ou não é uma opção política e ética da qual não podemos abrir mão se quisermos pensar que outra educação é possível. Uma educação em que a diferença jamais seja associada à inferioridade. Uma educação que seja contrária às discriminações, seja de que ordem forem. (BACKES, 2003, p. 78).

O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de aprendizagem de que as regras do espaço público permitem a coexistência, em igualdade, dos diferentes (BRASIL, 1997a).

A partir disso, como uma das ações programáticas para a Educação Básica, o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, prescreve:

[...] fomentar a inclusão, no currículo escolar, das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiências, bem como todas as formas de discriminação e violações de direitos, assegurando a formação continuada dos(as) trabalhadores(as) da educação para lidar criticamente com esses temas. (BRASIL, 2007, p. 33).

Como podemos verificar, possuímos um forte aliado que defende a diversidade, exaltando que tal tema deve ser trabalhado nas escolas e incluindo-o no currículo escolar para que, assim, crianças e adolescentes absorvam a ideia de que a diversidade é algo bom para a humanidade e que faz parte de nosso cotidiano, evitando situações desnecessárias como apelidos, xingamentos e preconceito.

Os desafios para identificar a diversidade na escola

A escola é um ambiente onde se encontram pessoas com diversas características: ricos, pobres, negros, brancos, pessoas com diferentes costumes, diferentes famílias, filhos de homossexuais e heterossexuais, honestos e desonestos, usuários de substâncias químicas, entre outras qualificações. Nossa sociedade é pluralista, e o professor pode usufruir dessa diversidade para criar um processo didático onde haja uma interação de sua turma e os alunos aprendam um com a diferença do outro e valorizem esses requisitos.

Podemos dizer que a escola não está preparada para desenvolver isso com as crianças, pois os próprios docentes não sabem remanejar certo tipo de assunto. O preconceito muitas vezes se encontra no próprio professor, portanto a escola deve investir não somente em trabalhar isso com o aluno, mas também em seu próprio grupo de docentes. O professor tem como seu dever mediar certas situações em sala de aula, mas como ele fará isso se ele mesmo não está preparado para lidar com a situação?

Imbernón (2001, p. 39), ao falar de prática docente, afirma que “o eixo fundamental do professor é o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a própria prática docente, com o objetivo de aprender a interpretar, compreender e refletir sobre a realidade social e à docência”.

O professor deve se autoconhecer, para que assim saiba lidar com situações que apareceram em seu dia a dia escolar.

Perrenoud (2002) afirma que o professor em seu trabalho deve criar situações que estimulem a capacidade de raciocínio de seus alunos, utilizando métodos alternativos para facilitar e desenvolver seu conhecimento e suas habilidades destes. Observa-se que em cada momento histórico o professor tem uma tendência, constrói sua prática e docência.

Como já dito, a escola deve investir no novo, em como trabalhar a diversidade, nas formas de se ajustar à nova sociedade.

Segundo Araújo (1998, p. 44), “[...] a escola precisa abandonar o modelo no qual se esperam alunos homogêneos, tratando como iguais os diferentes, e incorporar uma concepção que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto nas relações interpessoais”.

Em uma sociedade totalmente diversificada, os professores devem estar preparados para receber alunos heterogêneos, com grandes diferenças de opinião, devendo assim criar situações que estimulem o seu modo de pensar e agir e facilitem seu desenvolvimento escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa é fundamental para o processo de construção de conhecimento. Para Rúdio (1999, p. 9,) “é o conjunto de atividades orientadas para a busca de um determinado conhecimento”.

Este trabalho é de natureza descritiva e quantitativa, pois “procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características” (CERVO; BERVIAN, 1983, p. 55).

Fonseca (2002, p. 20) esclarece:

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

É também um trabalho bibliográfico, pois é feito “com o intuito de levantar um conhecimento disponível sobre teorias, a fim de analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. A pesquisa bibliográfica visa analisar as principais teorias de um tema e pode ser realizada com diferentes finalidades” (CHIARA; KAIMEN et al., 2008).

Em nossa pesquisa, foi aplicado de um questionário estruturado para os alunos do ensino médio na Escola Estadual Polivalente de Ubá-Minas Gerais, com a utilização do Google FORMS, ferramenta que permite que se “recolha e organize gratuitamente informações grandes e pequenas” (GOOGLE, 2017).

A escola pesquisada é a terceira maior do município e possui o ensino fundamental e médio. A região onde se localiza conta com diversos grupos sociais, portanto há grande diversidade, o que fez com que a escola fosse escolhida para a pesquisa, uma vez que a diversidade existente entre os grupos sociais é essencial para nossa coleta de dados. A escola conta com aproximadamente 250 alunos no ensino médio. No questionário estruturado, o pesquisado responde a uma série de perguntas pré definidas pelo pesquisador, dentro de um conjunto limitado de categorias de respostas. As respostas são registradas de acordo com um esquema de codificação também preestabelecido.

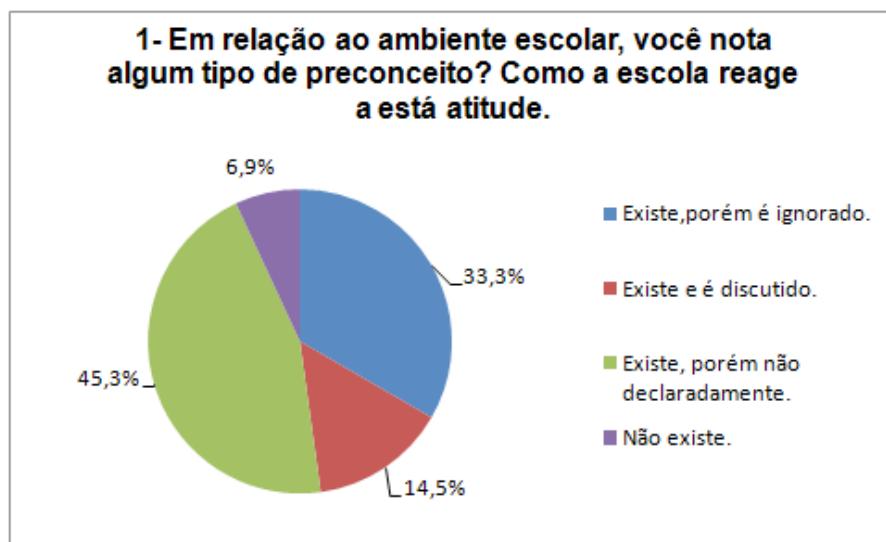
A coleta de dados direcionou-se para o período matutino, com o principal objetivo de analisar as diversidades presentes na instituição, seja ela cultural, financeira, étnica, religiosa ou de gênero. A partir daí, foi analisada a maneira como a escola trabalha com essas diversidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escola Estadual Deputado Carlos Peixoto Filho, mais conhecida como Polivalente, foi fundada em 1968 apenas com a educação básica. No ano de 2005, foi incorporado o ensino médio a essa referida escola. Atualmente o Polivalente é considerada a terceira maior escola do município de Ubá e conta com 1200 alunos da educação básica (ensino fundamental e médio) e funciona no período diurno (manhã e tarde) e noturno.

Para a presente pesquisa, foram distribuídos 250 questionários nos quais 158 foram respondidos nas turmas do ensino médio no período diurno.

Figura 1: Em relação ao ambiente escolar, você nota algum tipo de preconceito? Como a escola reage a essa atitude?

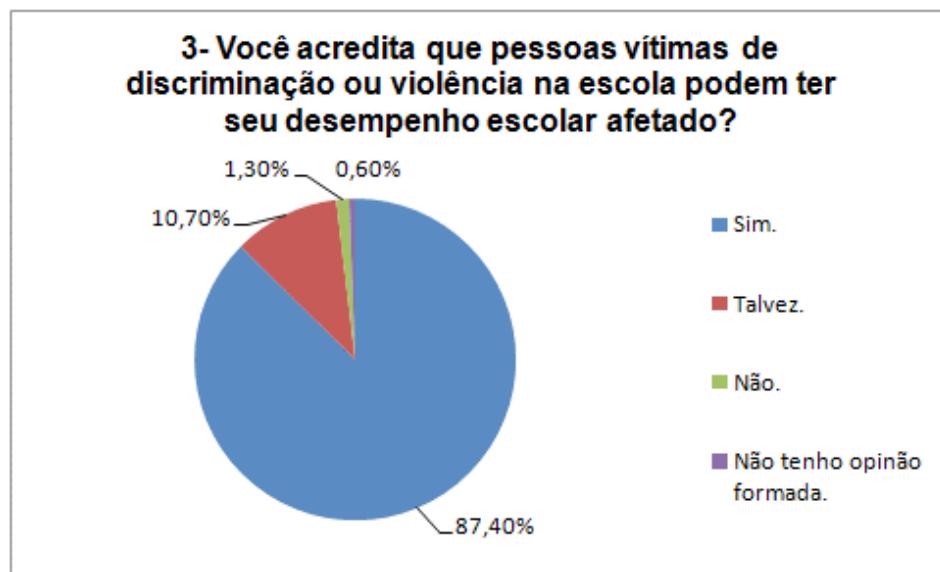


Fonte: dados de pesquisa.

A Figura 1 questiona o aluno se em algum momento ele sofre algum tipo de preconceito e qual a atitude da escola perante o preconceito sofrido. Notamos que o preconceito existe no âmbito escolar, onde na grande maioria das vezes (33,3%) é ignorado pela instituição, ou não é declarado. De acordo com Cavalleiro (2000), no espaço escolar há toda uma linguagem não verbal expressa por meio de comportamentos sociais e disposições, formas de tratamentos, atitudes, gestos, tons de voz e outras, que transmitem valores marcadamente preconceituosos e discriminatórios.

O preconceito e a discriminação afetam o desenvolvimento escolar dos discentes e os dados da Figura 2 nos comprovam este acontecimento, 87,4% dos alunos entrevistados responderam que sim.

Figura 2: Você acredita que pessoas vítimas de discriminação na escola podem ter seu desempenho escolar afetado?



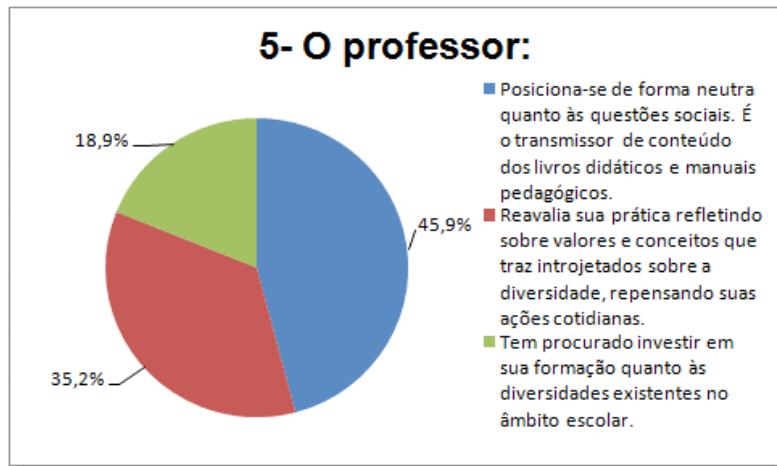
Fonte: dados de pesquisa.

Sobre o grande desafio dos educadores, Backes (2003) afirma:

Parece-nos que este é o nosso grande desafio enquanto defensores de uma perspectiva intercultural. Abraçá-lo ou não é uma opção política e ética da qual não podemos abrir mão se quisermos pensar que outra educação é possível. Uma educação em que a diferença jamais seja associada à inferioridade. Uma educação que seja contrária às discriminações, seja de que ordem for.

Temos que pensar em um modo de educar em que essa diversidade não interfira na aprendizagem dos alunos. Ao questionarmos sobre o posicionamento do professor perante a diversidade existente no âmbito escolar, obtivemos o seguinte resultado:

Figura 3: O professor



Fonte: dados de pesquisa.

Os dados apresentados na Figura 3 apontam que 45,9% dos professores preferem não comentar sobre a diversidade, posicionando-se de forma neutra perante o assunto, enquanto 35,2% reavaliam suas práticas trazendo aos alunos os conceitos de valores, investindo em um debate de acordo com a diversidade encontrada no âmbito escolar.

Imbernón (2001, p. 39), ao falar de prática docente, afirma que “o eixo fundamental do professor é o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a própria prática docente, com o objetivo de aprender a interpretar, compreender e refletir sobre a realidade social e à docência”. Os professores devem investir nesse tema com os alunos.

Perguntamos aos discentes qual atitude se espera que a instituição tenha quando o assunto abordado é a diversidade, e ao computar os dados chegamos a seguinte figura:

Figura 4: Em sua opinião a escola deve:



Fonte: dados de pesquisa.

A maioria dos entrevistados nos diz que a escola deve insistir na homogeneização dos alunos tratando iguais os diferentes. Já o teórico Araújo (1998, p. 44) explica:

[...] a escola precisa abandonar o modelo no qual se esperam alunos homogêneos, tratando como iguais os diferentes, e incorporar uma concepção que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto nas relações interpessoais". Não devemos como educadores esperar que todos os alunos devam ser iguais, cada um trás consigo, sua essência.

Ao se questionar quais assuntos referentes à diversidade o aluno tem interesse que sejam abordados na escola, 70,4% optaram pela diversidade cultural, econômica, racial, de gênero e religiosa. Como podemos notar, os alunos têm curiosidade relacionada à diversidade e gostariam que a escola abordasse o assunto. Carvalho (2002, p. 70) nos diz: "Pensar em respostas educativas da escola é pensar em sua responsabilidade para garantir o processo de aprendizagem para todos os alunos, respeitando-os em suas múltiplas diferenças". Portanto, o professor deve investir em novas práticas pedagógicas para tratar a diversidade perante os alunos.

Ao questionarmos se é possível programar ou ampliar proposta relacionada à diversidade na escola, 79,2% alunos admitiram acreditar que a escola tem condições de tratar a diversidade de forma clara com os discentes. Desse modo, esse questionamento mais uma vez nos mostra que o discente quer tratar sobre a diversidade no espaço escolar.

Doré (1996) destaca que esses princípios são invocados nos meios escolares quando a discussão recai sobre a escolha de uma sala de aula regular ou especial para responder às necessidades particulares dos alunos. Acrescenta aos princípios citados a "discriminação positiva", que garante aos alunos e às pessoas em geral os recursos humanos e materiais de que necessitam para o seu desenvolvimento e adaptação social.

Perrenoud (2002) afirma que o professor em seu trabalho deve criar situações que estimulem a capacidade de raciocínio de seus alunos, utilizando métodos alternativos para facilitar e desenvolver seu conhecimento e suas habilidades destes. Dessa forma, o aluno desenvolverá e perceberá a importância do outro, formando uma reflexão sobre todos os envolvidos.

De acordo com uma das perguntas, acerca do trabalho da escola, 62,3% dos questionários nos mostram que os professores dedicam alguma parte de sua aula, ou ao longo do ano, para falar sobre o tema "diversidade". Conforme citados no referencial teórico, o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos prescreve:

[...] fomentar a inclusão, no currículo escolar, das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiências, bem como todas as formas de discriminação e violações de direitos, assegurando a formação continuada dos (as) trabalhadores (as) da educação para lidar criticamente com esses temas.

Quando o assunto estava relacionado ao requisito gênero, notamos que a instituição

discutia o assunto na escola e apenas 24,5% desses entrevistados disseram que não consideram esse assunto um tema a ser discutido na escola. Segundo o censo demográfico 2010, o Brasil tem mais de 60 mil casais homossexuais, e esse número vem crescendo dia após dia. Assim, com esse aumento significativo da população homossexual, a escola deveria investir no diálogo com os alunos, diminuindo o preconceito e a discriminação, e promovendo a tolerância entre gêneros.

Quando interrogamos sobre o que se entende por uma educação inclusiva, as respostas de 84,9% dos questionários mostraram que inclusão é não ter preconceitos contra o diferente, atendendo a necessidade de cada indivíduo. Contudo, em relação ao papel do professor sobre lidar com a diversidade, alguns informaram que esse tipo de diversidade não é tema a ser discutido em sala de aula. Isso nos causa estranheza, uma vez que a escola pública deve ser um espaço para a receptividade e a promoção da diversidade em todos os seus aspectos. A fim de conseguir alcançar esse objetivo, todos nós que atuamos e nos ocupamos das escolas somos desafiados a rever o ordenamento curricular e as práticas pedagógicas, entendendo que estes não representam apenas uma determinada visão de conhecimento que pode excluir o "outro" e suas diferenças, mas também - e sobretudo - uma determinada visão dos alunos (ARROYO, 2006).

Identificamos que a maioria dos alunos (85%) já sofreu algum tipo de preconceito. Não esperávamos que uma instituição de ensino apresentasse resultados tão relevantes perante a discriminação, por se tratar de um lugar onde a única finalidade é transmitir conhecimento e educação. Acreditamos que, por ser um ambiente que possui grande diversidade, esse preconceito só aumenta.

Nas escolas podemos identificar todos os tipos de diversidades, mas as que ressaltam mais perante as outras são a diversidade racial e a de gênero, consequentemente as que mais sofrem preconceito. Ribeiro (2004, p. 7) afirma que: "[...] a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo". Desse modo, percebemos que, com educação, podemos mudar a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo é identificar as diversidades presentes no ambiente da escola pública, verificar como a escola tem trabalhado as diferenças existentes. A análise foi realizada na Escola Estadual Deputado Carlos Peixoto Filho, em Ubá-MG, onde foram aplicados 250 questionários, dos quais 158 foram respondidos pelos discentes do ensino médio.

Na comparação de dados percebeu-se que há uma grande diversidade entre os alunos e os principais tipos de diversidades que mais se fazem presentes na escola são a racial e a de gênero. Observou-se, ao analisar os dados coletados, que, mesmo diante da presença da diversidade, percebemos um cenário voltado para o preconceito e a

discriminação entre os jovens.

Notamos que as respostas obtidas eram bastante similares, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento escolar daqueles alunos que sofrem algum tipo de preconceito por sua diferença. Isso quer dizer que, a partir das experiências observadas na escola selecionada, foi possível verificar que, quando o aluno sofre algum tipo de preconceito ou discriminação, seu rendimento é realmente afetado, havendo então uma queda em seu desenvolvimento escolar.

Com isso, podemos destacar que há dificuldades também no modo com que o professor trabalha as diferenças na instituição, pois muitos docentes silenciam o seu discurso e preferem não comentar sobre esse tema, posicionando-se de forma neutra. Contudo, temos também aqueles que reavaliam suas práticas pedagógicas, trazendo, assim, ações cotidianas para o espaço escolar, capazes de promover a tolerância diante da diversidade evidenciada.

Nessa projeção citada acima, podemos considerar o papel do professor, que, em conjunto com os especialistas pedagógicos da escola, seriam os responsáveis por trabalhar com o indivíduo a diversidade e, desse modo, consolidar a democracia no espaço escolar. Além disso, é papel do professor trabalhar no ambiente de sua sala de aula a questão socioemocional, elevando sua autoestima, que é tão importante quanto os seus conteúdos programáticos.

Por fim, os resultados obtidos neste estudo vão ao encontro do objetivo traçado, o que permite concluir a existência da diversidade no âmbito escolar analisado, percebendo-se, através desta pesquisa, um discurso promotor de desigualdade e discriminação. Um fator desfavorável para a instituição, que deverá proporcionar ferramentas de debates e que não se caracteriza apenas como um conteúdo curricular, mas como colaboração para o desenvolvimento de interações sociais e estímulos entre os discentes, tornando evidentes as situações de discriminação e exclusão entre os alunos por conta das suas diferenças, modificando assim o rendimento escolar de um todo, elevando seu desempenho na instituição.

Com a finalidade de não esgotar o tema discutido, oferece-se a oportunidade de aplicar a ferramenta de pesquisa em outras instituições de ensino para agregar o universo de pesquisa, a fim de fortalecer os resultados obtidos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. O déficit cognitivo e a realidade brasileira. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Diferenças e preconceito na escola:** alternativas teóricas e práticas. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). Artigo nº 205, de 05 de outubro de 1988. Constituição Federal. **Atividade Legislativa:** legislação federal.

BRASIL. **Gênero e diversidade sexual na escola:** reconhecer diferenças e superar preconceitos.

Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad4_gen_div_prec.pdf. Acesso em: 15 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: Acesso em: 30 mar. 2019.

BRASIL. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1998. Disponível em: <https://www.unidosparaosdireitoshumanos.com.pt/what-are-human-rights/universal-declaration-of-human-rights/articles-01-10.html>. Acesso em: 20 mar. 2019.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 70, 75, 106, 111, 120, 174.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo, 3. ed. McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHIARA, Ivone Di; KAIMEN, Maria Júlia; CARELLI, Ana Esmeralda. **Normas de documentação aplicadas à área de Saúde**. Rio de Janeiro: Ed. E-papers, 2008.

DORÉ, R. **Réussir l'intégration scolaire**: la déficience intellectuelle. Montreal (Quebec): Les Éditions Logiques, 1996.

DUARTE, C. L. **Censo 2010 contabiliza mais de 60 mil casais homossexuais**. G1 Brasil, 2011.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf. Acesso em: 27 abr. 2019.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira. Diversidade cultural no Brasil. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/a-diversidade-cultural-no-brasil.htm>. Acesso em: 25 abr 2019.

GOOGLE APPS SCRIPT. **Overview of Google Apps Script**. 2017. Disponível em: <https://developers.google.com/apps-script/overvie>. Acesso em: 22 maio 2019.

GOMES, Luis Antonio. Divisões da fé: as diferenças religiosas na escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

GOMES, Nilma Lino. Indagação sobre o currículo: diversidade e currículo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. **Ministério da Educação**, Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2019.

HELMAN, C. **Cultura, saúde e doença**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2000.

LIBÂNEO, J. Carlos. **Didática**. Coleção Magistério 2º Grau. Série formação de professores. 1ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 1991.

ARROYO, Miguel G. "Os educandos, seus direitos e o currículo". In: MOREIRA, Antonio Flávio; ARROYO, Miguel. **Indagações sobre currículo**. Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, nov. 2006, p.49-81. BRASIL, MEC-SEESP. Lei n.º 10.436 de 24 de abril de 2002.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete pedagogia tradicional. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrasil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/pedagogia-tradicional/>. Acesso em: 02 abr. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, DF, 1997. Disponível em: www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livros101.pdf. Acesso em: 22 mar. 2019.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: mitos e verdades**. 1. ed. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003.

PAIM, Eliane Rosário; FRIGÉRIO, Neide Aparecida. **O desafio de trabalhar a diversidade cultural na escola**. UNIVEN - Faculdades Integradas. Empresa Capixaba de Ensino, Pesquisa e Extensão S/A SCP. sd (2004).

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

PERRENOUD, P. **A formação dos professores no século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RÚDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 26. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTIAGO, Y. (28 de junho de 2009). **Dicionário informal**. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diversidade/> Social, C. (2012). Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. IBGE.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 25. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez, 1991.

VEJA, D. (2017). **Veja quem são as pessoas mais ricas do Brasil, segundo a "Forbes"**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/veja-quem-sao-as-pessoas-mais-ricas-do-brasil-segundo-a-forbes/>. Acesso em: 08 mar. 2019.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. Martins Fontes: São Paulo, 2007.